



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA - UAHis
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS



***IDENTIDADES DO SERTANEJO EM POEMAS DE PATATIVA DO
ASSARÉ***

LUCICLAÚDIA ALVES DA SILVA

ORIENTADORA
Prof^a. Dr^a. Marinalva Vilar de Lima

Campina Grande, Paraíba
Dezembro de 2018

Prédio do CH – 5º andar. Sala: 507
R. Aprígio Veloso, 883 – Bairro Universitário
Universidade Federal de Campina Grande –UFCG

***IDENTIDADES DO SERTANEJO EM POEMAS DE PATATIVA DO
ASSARÉ***

LUCICLAUDIA ALVES DA SILVA

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação do Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais da Rede Nacional de Formação Continuada da Universidade Federal de Campina Grande, SECADI/MEC, como requisito para a obtenção do Título de especialista.

**ORIENTADORA
Prof.^a Dr.^a Marinalva Vilar de Lima**

**Campina Grande, Paraíba
Dezembro de 2018**

***IDENTIDADES DO SERTANEJO EM POEMAS DE PATATIVA DO
ASSARÉ***

LUCICLAÚDIA ALVES DA SILVA

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do título de especialista do Programa de Pós- Graduação do Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico- Raciais da Rede Nacional de Formação Continuada da UFCG/ SECADI/MEC, em comissão formada pelos professores:

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr^a. Marinalva Vilar de Lima– UFCG
ORIENTADORA – PRESIDENTE DA BANCA**

**Prof^a. Ms. Michelly Pereira de Souza Cordão - UFCG
EXAMINADORA INTERNA**

**Prof^a. Ms. - Talita Rosa Mística Soares de Oliveira
EXAMINADORA INTERNA**

Data de defesa e aprovação:

____/____/____

IDENTIDADES DO SERTANEJO EM POEMAS DE PATATIVA DO ASSARÉ

Lucielaúdia Alves da Silva¹

RESUMO

A pesquisa analisa poemas de Patativa do Assaré, com o objetivo de revelar as representações identitárias do sertanejo, considerando o contexto do sertão nordestino descrito em seus versos. Os poemas selecionados são *O vim vim*, *História de uma cruz* e *A morte de Nanã*. A nosso ver a poesia de Patativa do Assaré desvenda as identidades existentes no sertão. Haja vista, que ele viveu da agricultura a vida inteira e sempre conviveu com os afazeres e dificuldades do homem do campo e foi reconhecido como um dos principais representantes da poesia popular. Patativa do Assaré, o poeta do “sertão sofredor”, é estudado na academia em diferentes instituições tanto nacionais quanto internacionais. Em sua poesia sobressaem impressões que surgiram a partir do contexto sertanejo em que viveu; pelos contatos que teve com poesias que antecedem as suas, principalmente a dos Românticos.

Palavras-chave: Identidade sertaneja, Poesia Popular, Patativa do Assaré.

ABSTRACT

The research analyzes poems by Patativa do Assaré, with the objective of revealing the representations of the sertanejo, considering the context of the northeastern sermon described in his verses. The selected poems are *O vim vim*, *story of a cross*, and the *death of Nanã*. In our view, the poetry of Patativa do Assaré unveils the identities existing in the sertão. It should be noted that he lived from agriculture all his life and always lived with the tasks and difficulties of the country man and was recognized as one of the main representatives of popular poetry. Patativa do Assaré, the poet of the "suffering sertão", is studied in academia in different institutions both national and international. In his poetry stand out impressions that emerged from the backcountry context in which he lived; for the contacts he had with poetry that precedes his own, especially that of the Romantics.

Keywords: Identities, Popular Literature, Assaré Patativa.

¹Graduada em Letras Língua Portuguesa (UFCG). Mestranda no programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (UFCG)

INTRODUÇÃO

Atribuir uma relação próxima das cantorias com os folhetos é uma atitude de muitos estudiosos dessa área, temos um ensaio de Elba Braga Ramalho (2001)² que faz parte de algumas ideias desenvolvidas em tese inédita na Universidade Estadual do Ceará, como um dos requisitos para o concurso de professor titular. A autora cita mais escritores que compartilham a ideia de que as cantorias influenciaram os folhetos nordestinos, como mostra o trecho a seguir:

O papel da cantoria no contexto da tradição oral encontra-se bem delineado nos trabalhos de Ronald Daus (1982) e Elizabeth Travassos (1988, 1989, 1997a, 1997b). Todos situam-na como o berço de várias outras formas de expressão: o repente, a épica e os folhetos.(RAMALHO, 2001)

Dessa maneira, as cantorias assumem um papel importante na constituição dos folhetos nordestinos no início de sua formação, pois são descritas como o berço dessa literatura.

A literatura de folhetos que existia em Portugal sofreu grandes modificações antes de sua propagação no Brasil. Abreu (1999)³ ao estudar essa literatura tanto em Portugal quanto no Brasil estabelece as suas particularidades:

Diferentemente da literatura de cordel portuguesa, que não possui uniformidade, a literatura de folhetos produzida no Nordeste do Brasil é bastante codificada. Pode-se acompanhar o processo de constituição desta forma literária examinando-se as sessões de cantoria e os folhetos publicados entre finais do século XIX e os últimos anos da década de 1920, período no qual se definem as características fundamentais desta literatura, chegando-se a uma forma “canônica”.(ABREU, 1999,p.73)

Segundo a autora a literatura de cordel portuguesa não era uniforme, enquanto que a literatura de folhetos nordestina apesar de passar por um lento processo atingiu uma forma "canônica que , ainda segundo ela , pode ser identificada através de estudos feitos nos folhetos e cantorias da época de seu surgimento.

Ainda sobre as modificações da literatura de cordel portuguesa e a literatura de folhetos nordestina, Abreu(1999.) estabelece as diferenças existentes entre elas:

⁴MARINHO, Ana Cristina. ALVES, Hélder Pinheiro. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

Assim, entre o final do século XIX e os anos 20, a literatura de folhetos consolida-se: definem-se as características gráficas, o processo de composição, edição e comercialização e constitui-se um público para essa literatura. Nada nesse processo parece lembrar a literatura de cordel portuguesa. Aqui, haviam autores que viviam de compor e vender seus versos; lá, existiam adaptadores de textos de sucesso. Aqui, os autores e parcela significativa do público pertenciam às camadas populares; lá, os textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade. Aqui, os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos; lá, as matrizes das quais se extraíam os cordéis pertenciam, de longa data, à cultura escrita. Aqui, boa parte dos folhetos tematizavam o cotidiano nordestino; lá, interessavam mais as vidas de nobres e cavaleiros. Aqui, os poetas eram proprietários de sua obra, podendo vendê-la a editores, que por sua vez também eram autores de folhetos; lá, os editores trabalhavam fundamentalmente com obras de domínio público. (ABREU, 1999, p. 104)

De acordo com a autora, a literatura de folhetos que encontramos no nordeste brasileiro, opõem-se a existente em Portugal. A primeira, sendo mais popular (com temas relacionados a vida dos nordestinos), e a segunda mais erudita (com temas relacionados a vida dos nobres e cavaleiros).

Sobre a literatura de cordel encontrada no Brasil por volta do final do século XIX e início do século XX) Marinho e Pinheiro (2012)⁴ pontuam que:

Como toda produção cultural, o cordel vive períodos de fartura e escassez. Hoje existem poetas populares espalhados por todo o país, vivendo em diferentes situações, compartilhando experiências distintas, mas no final do século XIX e início do século XX, o cordel fazia parte da vida de nordestinos que viviam no campo, dependente da agricultura ou ainda nas cidades, com seus pequenos comércios. (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 17)

Nesse viés, entendemos que o cordel produzido no final do século XIX e início do século XX, era feito pelos nordestinos que se dedicavam a agricultura ou a pequenos comércios. Em contrapartida, atualmente, encontramos cordelistas com profissões variadas nas diversas regiões do país.

Essa situação foi modificando-se pouco a pouco e com o decorrer do tempo os poetas conseguiram sobreviver de suas composições. Eles passaram a produzir os seus folhetos e a datilografá-los em casa, juntamente com suas famílias, que também trabalhavam nestas impressões e vendas.

⁴MARINHO, Ana Cristina. ALVES, Hélder Pinheiro. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

Atualmente, a literatura popular está ganhando espaço nos estudos acadêmicos e deixando de ser apreciada apenas pelo povo iletrado, como Maria Ferreira dos Santos⁵ afirma:

A literatura popular, por longo tempo, sofreu críticas relegada a segundo plano. Hoje é parte integrante da pesquisa de muitos estudiosos, desde sociólogos, linguistas e estudantes universitários, ocupando assim, lugar de destaque na vida cultural brasileira. (SANTOS, 1993, p.15)

Diante disso, proponho a estudar três poemas de Patativa do Assaré *O vim vim*⁶, posteriormente, *História de uma cruz*⁷ e por fim, *A morte de Nanã*⁸. No decorrer de nossa pesquisa pretendemos pontuar alguns fatores que constituem as identidades do sertanejo presentes nos poemas citados. Iniciaremos com uma apresentação do poeta que estudaremos, Patativa do Assaré, um dos principais representantes da literatura popular.

PATATIVA DO ASSARÉ: um poeta-passarinho

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabaio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro da páia de mio.
(Patativa do Assaré⁹)

Patativa do Assaré é o pseudônimo do poeta popular Antônio Gonçalves da Silva, nascido em Assaré no Ceará. Trabalhou na lavoura a vida toda, e desta forma, vivenciou a realidade dura do agricultor sertanejo. Apesar de possuir uma obra vasta e riquíssima que nasce da sua própria experiência sertaneja não publicou muitos folhetos, apenas, posteriormente, publicou seus poemas em livros, o que contribui para defini-lo como um poeta popular e não propriamente como um cordelista.

5 SANTOS, Ferreira dos Santos. **Aspectos sociológicos na poesia de Patativa do Assaré e o Drama da triste partida**. Dissertação apresentada na conclusão do curso de Letras da URCA.

6 ASSARÉ, Patativa. **O vim-vim**. In: ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino. 16.ed. Petrópolis: Vozes. 2011.

7 ASSARÉ, Patativa. **História de uma cruz**. In: ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino. 16.ed. Petrópolis: Vozes. 2011.

8 **A morte de Nanã**. In: ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

9 **O poeta da roça**. In: ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino. 16.ed. Petrópolis: Vozes. 2011.

Vejamos a autobiografia de Patativa do Assaré¹⁰ em que o mesmo detalha a sua vida no interior do Ceará:

"Eu, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva, e de Maria Pereira da Silva, nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana, que dista três léguas da cidade de Assaré. Meu pai, agricultor muito pobre, era possuidor de uma pequena parte de terra, a qual depois de sua morte, foi dividida entre cinco filhos que ficaram, quatro homens e uma mulher. Eu sou o segundo filho. Quando completei oito anos, fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza. Com a idade de doze anos, freqüentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Saí da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não freqüentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim. Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-los. De treze a quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os serranos, pois o sentido de tais versos era o seguinte: Brincadeiras de noite de São João, testamento do Juda, ataque aos preguiçosos, que deixavam o mato estragar os plantios das roças, etc. Com 16 anos de idade, comprei uma viola e comecei a cantar de improviso, pois naquele tempo eu já improvisava, glosando os motes que os interessados me apresentavam. Nunca quis fazer profissão de minha musa, sempre tenho cantado, glosado e recitado, quando alguém me convida para este fim. Quando eu estava nos 20 anos de idade, o nosso parente José Alexandre Montoril, que mora no estado do Pará, veio visitar o Assaré, que é seu torrão natal, e ouvindo falar de meus versos, veio à nossa casa e pediu à minha mãe, para que ela deixasse eu ir com ele ao Pará, prometendo custear todas as despesas. Minha mãe, embora muito chorosa, confiou-me ao seu primo, o qual fez o que prometeu, tratando-me como se trata um próprio filho. Chegando ao Pará, aquele parente apresentou-me a José Carvalho, filho de Crato, que era tabelião do 1o. Cartório de Belém. Naquele tempo, José Carvalho estava trabalhando na publicação de seu livro "O matuto Cearens Passei naquele estado apenas cinco meses, durante os quais não fiz outra coisa, senão cantar ao som da viola com os cantadores que lá encontrei. De volta do Ceará, José Carvalho deu-me uma carta de recomendação, para ser entregue à Dra. Henriqueta Galeno, que recebendo a carta, acolheu-me com muita atenção em seu Salão, onde cantei os motes que me deram. Quando cheguei na Serra de Santana, continuei na mesma vida de pobre agricultor; depois casei-me com uma parenta e sou hoje pai de uma numerosa família, para quem trabalho na pequena parte de terra que herdei de meu pai. Não tenho tendência política, sou apenas revoltado contra as injustiças que venho notando desde que tomei algum conhecimento das coisas, provenientes talvez da política falsa, que continua fora do programa da verdadeira democracia. Nasci a 5 de março de 1909. Perdi a vista direita, no período da denteição, em consequência da moléstia vulgarmente conhecida por Dor-d'olhos. Desde que comecei a trabalhar na agricultura, até hoje, nunca passei um ano sem botar a minha roçazinha, só não plantei roça, no ano em que fui ao Pará."(ASSARÉ, 2011)

O poeta popular faleceu em julho de 2002, aos 93 anos de idade. Postumamente, surgiram vários estudos sobre as suas obras e sua vida pessoal. Acerca de quem foi Patativa do Assaré, Francisco Salatiel de Alencar afirma na apresentação do livro *Cante lá que eu canto cá*¹¹, afirma que ele é o poeta do "sertão sofredor", e que tem uma inesgotável capacidade de comunhão e simpatia pelos que sofrem, pelos que vivem humilde e pobremente, pelos fracos, pela gente simples do nosso povo. Patativa conseguiu descrever de maneira inédita o seu povo não com a perspectiva de alguém de fora, mas de alguém que está inserido neste povo.

¹⁰ **O poeta da roça.** In: ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino.* 16.ed. Petrópolis: Vozes. 2011.

¹¹ ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino.** 16.ed. Petrópolis: Vozes. 2011.

Ainda na apresentação do livro já citado, Plácido Cidade Nuvens, afirma que a figura legendária do poeta popular nordestino, Patativa do Assaré, através da sua obra poética, oferece incomparável contribuição ao estudioso de problemas humanos que pretenda uma abordagem compreensiva da realidade do sertão nordestino.

Patativa do Assaré é considerado um dos poetas que melhor representou o sertão, os sertanejos, sua vida, suas virtudes e seus anseios. Tudo isso, com o olhar de quem viveu todo esse contexto. Sobre isso, temos o trecho abaixo da revista *Discutindo Literatura*¹²:

Com Patativa do Assaré surge no horizonte de nossas letras um poeta popular que dá voz ao clamor do povo. Alguém que ao representar as figuras sociais do camponês, do agregado sem terra, do vaqueiro, do caçador ou ainda do mendigo, da prostituta, do menino de rua, realiza sociológica e esteticamente algo muito diverso daquilo que acontece quando poetas de outra extração social vêm falar destas mesmas personagens. No caso do poeta de Assaré, podemos constatar com muita clareza a existência de uma empatia e identificação radicais, resultado em última análise da experiência de partilhar o poeta com seus personagens de uma mesma comunidade de destinos. (*Revista Discutindo Literatura*, Andrade, p. 57)

Segundo Maria Ferreira dos Santos¹³ a poesia de Patativa do Assaré representa o povo sertanejo de uma maneira particular:

a poesia de Patativa do Assaré se encaminhou para o campo social e se fixou como marca de sua produção poética, Patativa, como poeta popular, tornou-se a voz do sertanejo nordestino, pois além de ser poeta, também é sertanejo. (SANTOS, p. 21)

Neste trecho, identificamos que é feita uma aproximação da sua poesia com o meio em que o poeta vivia, já que ele descrevia os sertanejos com o olhar de um deles.

Na introdução do livro *Cordel: Patativa do Assaré*, o estudioso Sylvie Debs¹⁴ admite que as identidades do sertanejo estão presentes na poesia do poeta popular, objeto de nosso estudo.

¹²Patativa do Assaré: um dilúvio de rimas sobre o sertão. In: *Discutindo literatura*. Ano 1. N° 1.

¹³ SANTOS, Ferreira dos Santos. Aspectos sociológicos na poesia de Patativa do Assaré e o Drama da triste partida.

¹⁴ ASSARÉ, Patativa do. *Patativa do Assaré: uma voz do nordeste*. introdução de Sylvie Debs- São Paulo: Hedra, 2000.

É verdade que não somente a língua, os personagens e o cotidiano descrito pertencem ao mundo rural sertanejo que Patativa do Assaré viu nascer e viver, mas também as aspirações sociais, reivindicações políticas e econômicas. O combate que ele conduz é aquele do "cabloco roceiro, do camponês sertanejo, da classe matuta". Com efeito, o elemento mais tocante da identidade sertaneja é essa evocação constante de uma vida extremamente difícil, de uma terra particularmente hostil, de um universo encerrado sobre si mesmo. Patativa do Assaré testemunha de forma direta em "Cante lá que eu canto cá." (ASSARÉ, 2000)

Dessa forma, a poesia de Patativa integra-se a sua vida chegando a se confundir. Já que retrata a realidade dos homens do campo, assim como ele. Em minha monografia intitulada "O sertão nordestino em poemas de Leandro Gomes de Barros e Patativa do Assaré"¹⁵ o tema do sertão foi trabalhado por ser muito abordado nos poemas e por apontar os costumes e a cultura dessa região do país, na qual, compartilho muitas de suas particularidades.

Ao pesquisar sobre o sertão, descobri que poderia aprofundar-me nesse tema e analisar as diferentes identidades do sertanejo reveladas pelo poeta Patativa do Assaré, um dos mais destacados na Literatura Popular e que apresenta inúmeros poemas com essa temática.

AS IDENTIDADES À LUZ DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS E DOS TEÓRICOS: CIAMPA (1987) E BAUMAN (2005)

Antes de iniciarmos a nossa análise devemos apresentar o conceito de identidade adotado nesta pesquisa. Sobre as identidades podemos apresentar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Segundo essas diretrizes para conduzir suas ações, os sistemas de ensino, os estabelecimentos e os professores terão como referência, entre outros pertinentes às bases filosóficas e pedagógicas que assumem, os princípios a seguir explicitados.

O primeiro princípio é a consciência política e histórica da diversidade:

¹⁵ Monografia apresentada no curso de Letras da UFCG em 2015.

- à compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história

E o segundo princípio é o fortalecimento de identidades e de direitos que deve orientar para o esclarecimento a respeito de equívocos quanto a uma identidade humana universal. No Art. 2º do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno/DF, Resolução nº 1, de 17 de junho 2004, temos:

§1º A educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidades, na busca da consolidação da democracia brasileira.

Notamos que há um incentivo no que se refere à valorização das identidades e também um combate ao preconceito criado pelos estereótipos para ser abordado em sala de aula pelos professores não somente da disciplina de história. Vejamos algumas considerações acerca dessa temática em Ciampa (1987)¹⁶ e Bauman (2005)¹⁷.

Iniciaremos com o conceito de identidade abordado por Ciampa (1987) que compreende identidade como metamorfose pelo fato de estar em transformação constante, sendo o saldo provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos. A identidade tem caráter dinâmico e seu movimento pressupõe uma personagem. A personagem, que, para o autor, é a vivência pessoal de um papel previamente padronizado pela cultura, é fundamental na construção identitária: representa-se a identidade de alguém pela reificação da sua atividade em uma personagem que, por fim, acaba sendo independente da atividade.

¹⁶ BAUMAN, Z. (2005). **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

¹⁷ CIAMPA, A. C. (1987). **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense.

As diferentes maneiras de se estruturar as personagens resultam diferentes modos de produção identitária. Portanto, identidade é a articulação entre igualdade e diferença. Identidade é movimento, porém, uma vez que a identidade pressuposta é repostada pelos ritos sociais, passa a ser vista como algo dado e não como se dando. A reposição, portanto, sustenta a mesmice, que é a ideia de que a identidade é atemporal constante: identidade-mito. A superação da identidade pressuposta denomina-se metamorfose (Ciampa, 1987).

Já Bauman (2005) define identidade como autodeterminação, ou seja, o eu postulado. Para ele, as identidades comumente referem-se às comunidades como sendo as entidades que as definem. Existem dois tipos de comunidades: as de vida e destino, nas quais os membros vivem juntos em uma ligação absoluta, e as comunidades de ideias, formadas por uma variedade de princípios. A questão da identidade só se põe nas comunidades do segundo tipo, onde há a presença de diferentes ideias e, por isso, também a crença na necessidade de escolhas contínuas.

Ainda sobre a identidade, o estudioso Kupstas (1997)¹⁸, ao referir-se da identidade nacional esclarece que:

Cada povo possui uma série de características próprias e exclusivas que marcam a sua identidade, a sua cara, que reúne não apenas aspectos físicos ou idioma, mas que conjuga também valores morais, religiosos, históricos, culturais... diferenças sutis e difíceis de conceituar, mas que podemos reconhecer como formadoras do sentimento patriótico. (KUPSTAS, 1997)

Ao referir-se à identidade nacional Kupstas (1997) considera suas particularidades como sendo traços únicos. O que torna cada identidade diferente da outra. Baseando-nos nesses conceitos de identidade partiremos para a análise dos poemas já citados, buscando identificar alguns aspectos relacionados a identidade do sertanejo que perpassam os versos do poeta.

IDENTIDADES DO SERTANEJO EM POEMAS DE PATATIVA DO ASSARÉ

²³ Personificação significa atribuir a seres inanimados (sem vida) características de seres animados **ou** atribuir características humanas a seres irracionais.

Iniciaremos com algumas reflexões sobre os poemas intitulados *O vim vim*, posteriormente, *História de uma cruz* e por fim, *A morte de Nanã*. Abordaremos algumas considerações importantes no que diz respeito as identidades encontradas nos poemas.

No que diz respeito à estrutura o poema *O vim-vim* é composto por 58 estrofes¹⁹ de dez verso²⁰ de sete sílabas²¹ cada. O título do poema já apresenta o vim-vim que é um pássaro encontrado em várias regiões do Brasil e que é muito comum no sertão. Tal pássaro, envolve uma crença de que ele tem o dom de ser adivinho, e portanto, tendo a função de anunciar através de seu canto (que é semelhante ao termo vem-vem), quando alguém vai visitar a moradia onde ele está cantando. Esta crença é repassada de geração em geração, como os versos abaixo declaram: Meu avô dizia assim,

E meu pai também dizia:
a cantiga do vim-vim
Vale a mesma profecia.

Ainda neste poema, destacamos o fato dos meninos serem badoqueiros, ou seja, gostarem de matar passarinhos, com uma balinhadeira. Tal ocupação infantil é encontrada em outros poemas do Patativa do Assaré, no entanto, neste poema temos um diferencial já que o menino não mata duas espécies de aves, porque tinha muito respeito e admiração e, por isso, não as feriam, eram elas; o sabiá (com o seu canto belíssimo) e o vim-vim (por ser um adivinho):

Sabiá, não matei não,
Pois ele é o musgo maió
Das terra do meu sertão.
O sabiá com seu canto
tem parença de santo
Merece o nosso carinho,
E o vim-vim, eu não matava
Pruque meu pai me contava
Que ele é um grande adivinho

No fim do poema, quando o eu lírico²² percebe que o apesar do vim-vim cantar em frente a sua morada e a sua noiva não aparecer, ele passa a desacreditar na cantiga do vim-vim.

E deste dia pra cá
Eu deixei de acreditá
Na cantiga do vim-vim.

Ao desacreditar do vim vim, o eu lírico demonstra a sua crença que foi passada através das gerações. Nas três primeiras estrofes o eu lírico apresenta a sua vida sofrida

no campo, a sua lida na roça, que deu origem a seu apelido Zé da Roça e ainda apresenta a sua condição financeira e a sua resistência, demonstrando ser um indivíduo forte.

Sou irmão do sofrimento,
Pois sou fio do Nordeste,
Nesta vida tudo infrento,
Topo fome, guerra e peste.
Como só tenho passado
Da paióça pro roçado,
Do roçado pra paióça,
 Por essa justa razão,
O povo do meu sertão
Só me chama Zé da Roça.

Dentre outros aspectos relevantes, identificamos a religiosidade cristã (mais especificadamente a católica) ao fazer referências aos festejos do São João, que é um evento religioso que ocorre no mês de junho. Tal evento é muito marcante na cultura nordestina, em geral. São mencionados tanto o São João, quanto o coração de Jesus.

Sobre os aspectos geográficos, citamos a influência da seca sobre a vida dos sertanejos é muito significativa e recorrente em várias obras literárias. Neste poema, a família de Zé Nastaço migra para o Mato Grosso em busca da sobrevivência. A época da seca e do inverno são determinantes nas atitudes das pessoas e elas agem de acordo com as condições que a natureza as proporcionam.

Na época da seca o cenário descrito é de escassez de água, de comida, e de alegria. Já nos períodos chuvosos identificamos a fartura de água, alimentação e de alegria.

Tal família, é composta por seis pessoas e era considerada pequena, já que a maioria das famílias sertanejas eram numerosas. Esse dado deve ser levado em consideração já que era quase que unânime as famílias serem numerosas. Sabemos que nos dias atuais essa realidade tem mudado.

O personagem da Maria Joana é descrito pela sua beleza e simpatia. Notamos em vários outros poemas do Patativa que a mulher ora aparece bela e sedutora, ora traidora. Nos versos abaixo destacam-se essas características da namorada de Zé da Roça:

Uvindo a voz da morena
Eu fiquei na sujeição
Como a rolinha pequena
Nas unhas do gavião

Nos versos que se seguem há um prenúncio de que, posteriormente, algo ruim irá acontecer no desenrolar da história.

E conheci que o amô
É marvado , tem valô
Tem caboje e tem veneno

O poeta ao qualificar o amor como malvado e venenoso encontramos a descrição feita por quem teve um relacionamento frustrado. Já que a metáfora do veneno estabelece o fato de que o amor faz o indivíduo se sentir mal.

Quanto ao poema *História de uma cruz*, é estruturalmente composto por 23 estrofes de cinco versos cada. Inicialmente, podemos também destacar o ato de contar-se histórias que está presente desde a primeira estrofe. Vejamos:

Papai, conte a historia daquela cruzinha
tão triste, sozinha,
No pé da ladêra,
com seus braços aberto, chorosa, coitada!
na bêra da istrada,
Qui vai pra rebêra.

Nestes versos, temos ainda a personificação²³ da cruz, ao receber características típicas dos humanos como “chorosa”, “triste”, “sozinha”. Este poema, apesar de não ser um poema lírico, apresenta alguns traços do lirismo¹⁷ em versos como:

Pois lá tenho visto

muié soluçando
e a cruz infeitando
de reza e sodade.

Ao depararmos com a possibilidade de enfeitar-se uma cruz (um objeto concreto), com reza e saudade (referentes abstratos), estamos diante de uma metáfora para o pranto das mulheres diante da cruz. Tal cruz, representa sobretudo um crime brutal que ainda continua impune:

Aquela cruizinha, na bêra da istrada,
Qui veve infeitada
Cum tanta fulô...
Aponta um passado de um crime de ispanto,
De luto e de pranto,
De raiva e de horrô.

O nome do personagem Zé Morão, retoma a um indivíduo forte e resistente. Haja vista, que o “morão” é o tronco de uma árvore frondosa e forte, utilizado nos currais das fazendas para imobilizar o gado e os cavalos. Tal resistência, prevalece nas

atitudes do rapaz, já que ele não desiste de lutar pela sua roça que o fazendeiro insistiu em destruir.

Mamãe, eu não posso perdê meu trabaio,
Daqui eu não saio,
Daqui não me mudo.
Saí sem destino... qui sorte essa nossa!
Dexando uma roça
Repreta de tudo!

Outro fato relevante é uma crítica aos fazendeiros que exploram os agregados presente nos versos:

O monstro assarsino era um rico orguioso
E o moço bondoso
Era seu moradô.
Morreu de desgraça, naquele deserto,
E agora tá perto
De Nosso Sinhô.

Pelo terrêro corria,
Sempre se rindo e cantando,
Era nutrida e sadia,
Pois, mesmo se alimentando
Com feijão, milho e farinha,
Era gorda, bem gordinha
Minha querida Nanã,
Tão gorda que reluzia.
O seu corpo parecia
Uma banana maçã.

(...)

Quando há seca no sertão,
Ao pobre falta feijão,
Farinha, milho e arroz.
Foi isso que aconteceu:
A minha filha morreu,
Na seca de trinta e dois.

A crítica aos fazendeiros e a exploração do trabalho também é descrita Vendo que não tinha inverno,

O meu patrão, um tirano,
Sem temê Deus nem o inferno,
Me deixou no desengano,
Sem nada mais me arranjà.
Teve que se alimentá,
Minha querida Nanã,
No mais penoso maltrato,
Comendo caça do mato
E goma de mucunã.

O lirismo²⁴ aparece em alguns versos e está inserido em imagens belíssimas, como nos versos :

Quando eu tava reparando
Os oího da criança,
Vinha na minha lembrança
Um candieiro vazio
Com uma tochinha acesa
Representando a tristeza
Bem na ponta do pavio.

O sentimento de tristeza é evidente nesta estrofe e perpassa outros versos. O clima melancólico emana desses versos. Ao descrever como o pai de Nanã a via dia antes de falecer. A natureza é exaltada e chega a ser considerada divina. Sabemos que o homem sertanejo tem uma ligação muito forte com os componentes da natureza, pois através dela ele retira o seu sustento para sobreviver.

A tese de LIMA(2003)²⁵, apresenta

Portanto, conforme evidenciamos ao longo deste trabalho, ao prantearem os mortos, os poetas nos colocaram em face de práticas e atitudes de base cristã, preocupando-se em prover seus personagens de ações que seguiram no sentido de: dar assistência ao moribundo; de realizar os ritos de absolvição dos pecados; de velar, chorar, sepultar e colocar luto pelo morto; de promover a purificação e a salvação dos mortos representantes do bem; apenas para citar as preocupações mais freqüentes. (LIMA, 2003)

Nos três poemas encontramos o pranto diante da morte. No vim vim , o rapaz chora a morte de sua noiva. Em história de uma cruz as mulheres choram na cruz de Zé Morão, e por fim, a morte de Nanã que é pranteada pelos pais.

E, enquanto nós assistia
A morte da pequenina,
Na manhã daquele dia,
Veio um bando de campina.
De canário e sabiá
E começaram a cantá
Na copa de um juazeiro
Que havia bem no terreiro
Do meu rancho esburacado.

²⁴ Lirismo é a forma escrita na poesia onde o poeta expressa diretamente ao leitor, as emoções, os sentimentos e o seu estado de espírito.

²⁵ VILA, Marinalva de Lima. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutora em História.

Na última estrofe, a religiosidade prevalece já que o pai de Nanã continua a sua reza pedindo que o seu “anjo adorado” venha buscá-lo.

Soluçando, pensativo,
Sem consolo e sem assunto,
Eu sinto que inda tô vivo,
Mas meu jeito é de defunto.
Envolvido na tristeza,
No meu rancho de pobreza,
Toda vez que eu vou rezá,
Com meus joêio no chão,
Peço em minhas oração:
Naná, venha me buscá!

ALGUMAS SEMELHANÇAS EXISTENTE NOS POEMAS

De acordo com as teorias expostas anteriormente, as identidades são oriundas de influências interiores e exteriores ao indivíduo. Sendo assim, apresentamos alguns aspectos relevantes nos três poemas. Iniciaremos enfocando o fato de que todos os poemas retratam o tema da morte. No poema *O vim-vim* falecera a noiva de Zé da Roça, em *História de uma cruz* é o moço, Zé Morão e em *A morte de Nanã* é a menina que se despede da vida.

Segundo REIS²⁶ em *A morte é uma festa* a distribuição desigual da mortalidade refletia a desigualdade social de Salvador . Podemos trazer essa afirmação para a realidade do sertão. Haja vista, que as mortes descritas nos poemas estavam vinculadas a falta de condições financeiras, principalmente, a morte de Nanã(que morreu de fome) e de Zé Morão (por ter sido morto defendendo o seu único bem, que era o seu roçado).

O ambiente rural é descrito dando destaque a roça que assume papéis diferentes em cada poema. No poema o *Vim vim* o roçado agrega-se a própria identidade do indivíduo na medida em que passa a compor o seu nome , Zé da Roça. Sabemos que neste caso, o nome revela aspectos da identidade desse indivíduo. Já no poema *História de uma cruz* a roça é o pivô da discussão que resulta na morte de Zé Morão. Indivíduo que revela também através de seu nome a sua resistência já que o mourão é um tronco

²⁶ REIS, João José . **A morte é uma festa**. Companhia das Letras, 2004.

de árvore forte. Por fim, em *A morte de Nanã* identificamos que o roçado também assume um papel fundamental já que nos períodos de estiagens em que não há colheita, as pessoas começam a passar necessidades o que desencadeia a morte da menina.

No artigo intitulado *A morte no ocidente: considerações sobre a história da morte no ocidente e suas representações históricas*²⁷ de Enock Douglas Roberto da Silva e Maria Valnice da Silva identificamos uma descrição da morte:

A “morte domada” segundo Ariès é a forma mais antiga de convivência com a morte, nesse caso a morte seria anunciada através de sonhos e presságios e o sujeito tomava as providências para a sua própria morte. “o primeiro ato é o lamento da vida, uma evocação, triste mais muito discreta, dos seres e das coisas amadas, uma súmula reduzida a algumas imagens” (ARIÉS pág. 32) não se morria sem antes saber que vai morrer, a morte era esperada com calma e sobriedade numa antiga atitude onde a morte era tranquila e serena. A morte do moribundo era assistida por parentes amigos, inclusive pelas crianças. Ao contrário de hoje, quando se morre sozinho no leito de um hospital, na idade média a morte era um ato público, o quarto do moribundo se enchia de parentes, amigos e visitantes.(SILVA e SILVA)

A morte é assistida, no poema *A morte de Nanã*, isso é muito marcante, já que até os passarinhos cantam o hino santificado, enquanto os pais fazem as suas preces. O prenúncio de que algo de ruim irá acontecer é recorrente nos três poemas já que o ambiente torna-se melancólico.

Temos ainda, a crítica à elite composta pelos fazendeiros e políticos. LEAL (1975)²⁸, ao descrever o coronelismo aponta o fato de que há uma troca de benefícios entre o poder público e os chefes locais. Vejamos:

Por isso mesmo, o “coronelismo” é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras.(LEAL, 1975, p.24.)

No poema *A morte de Nanã* há uma crítica à elite (através do patrão) já que ele se omite a ajudar a família da menina. Já em *História de uma cruz* temos o fazendeiro rico que fica impune por ter assassinado Zé Morão. Já no *vim vim*, o poder público se

²⁷ ENOCK DOUGLAS ROBERTO DA SILVA E MARIA VALNICE DA SILVA. Artigo: a morte no ocidente: considerações sobre a história da morte no ocidente e suas representações históricas, CONEDU.

²⁸ LEAL, Victor Nunes. Indicações sobre a estrutura e o processo do coronelismo. In: Op. cit. **Coronelismo, Enxada e Voto**. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

torna omissa a ponto da família da noiva de Zé da Roça ter que migrar para outro estado.

Temos ainda, a crença no poder de adivinhação dos elementos da natureza, principalmente, os pássaros (O vim-vim e a cauã). Tal crença é passada de geração em geração e é considerada uma verdade. No poema *O Vim vim* o personagem Zé Roça reafirma essa crença e em seguida, desconstrói depois do aviso do vim vim não anunciar a vinda de sua noiva, mas a vinda de uma carta com a notícia da morte de sua amada.

A consciência de que a vida do pobre é penosa também perpassa a poesia de Patativa do Assaré. Detectamos algumas situações nos três poemas em que o dinheiro resolveria. Dentre elas, está a impunidade do assassino de Zé Morão, a morte de Nanã associada a falta de condições básicas para a sobrevivência, principalmente, a alimentação. Enfim, em *O vim-vim* o sacrifício do homem do campo para construir a sua casinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos três poemas estudados todos os fatores apresentados contribuem para a formação das várias identidades do sertanejo, já que eles possuem características diversas que advêm de fatores interiores e exteriores aos indivíduos.

Sabemos que o estereótipo do sertanejo mostra um sujeito rude, pobre e analfabeto, no entanto, podemos identificar através dos três poemas analisados atitudes de homens sensíveis diante de tragédias e, sobretudo, com um senso crítico capaz de apontar os culpados pelo seu sofrimento. Estes são os fazendeiros e políticos que exploram e enganam os mais humildes.

Um dos aspectos que podemos enfatizar que contribuem com a identidade dos sertanejos são o nome de Zé da Roça, (no poema *O vim vim*) e Zé Morão (no poema *História de uma cruz*). Ambos descrevem traços das identidades desses personagens.

As identidades que perpassam esses poemas são de indivíduos com condições financeiras mínimas, mas que todavia, possuem um senso crítico para atribuir a culpa de seu sofrimento aos homens ricos que manipulavam situações através do seu dinheiro.

No poema *O vim-vim*, a família da moça migra em busca de melhores condições de vida e sobrevivência. Já em *História de uma cruz*, a morte de Zé Morão fica impune depois que o patrão suborna a justiça. Por fim, *A morte de Nanã*, pontua a culpa do falecimento da menina ao patrão e aos homens ricos que sequer presenciaram a morte da criança.

É importante ressaltar que, é preciso que se trabalhe as identidades do sertanejo, não apenas para seguirmos as Diretrizes Curriculares Nacionais, mas também para formarmos cidadãos que respeitem as diversidades existente nas identidades, principalmente, na do sertanejo já que ele é tido como um povo desprestigiado, inculto e ignorante. Devemos apresentar fatores variados como os já apresentados que desconstroem essa imagem cristalizada e pejorativa do sertanejo.

Esta pesquisa está sendo ampliada através de uma pesquisa de mestrado, e posteriormente, poderá ser estendida até o doutorado. Durante o seu percurso tivemos a oportunidade de ampliar nossos conhecimentos acerca da poesia de Patativa do Assaré, um dos principais representantes da Literatura Popular e poeta do sertão sofredor.

¹⁹ Estrofes são um conjunto de versos.

²⁰ Versos são as linhas do poema.

²¹ Silabas métricas não são as sílabas das palavras, mas a separação pelo som.

²² Eu lírico no poema, voz que expressa a subjetividade do poeta e/ou a maneira pela qual o mundo exterior se converte em vivência interior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**, Campinas-SP: Mercado de Letras; Associação da leitura do Brasil, 1999.

BAUMAN, Z. (2005). **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CARVALHO, Gilmar de.SANTANA, Tiago. Patativa do Assaré: **O sertão dentro de mim**. 1ª ed.-Fortaleza, CE: Tempo d' imagem; São Paulo, 2010.

CIAMPA, A. C. (1987). **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História E Cultura Afro-Brasileira E Africana.Resolução 2004.

ENOCK DOUGLAS ROBERTO DA SILVA E MARIA VALNICE DA SILVA.
Artigo: **a morte no ocidente: considerações sobre a história da morte no ocidente e suas representações históricas**, CONEDU.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 5. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KUPSTAS, Márcia. **Identidade nacional em debate**. (org.). São Paulo: Moderna, 1997.

PATATIVA DO ASSARÉ.“A morte de Nanã”,In: PATATIVA DO ASSARÉ. **Cante lá que eu canto cá**:filosofia de um trovador nordestino,16.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

PATATIVA DO ASSARÉ. “História de uma cruz”. In: PATATIVA DO ASSARÉ. **Cante lá que eu canto cá**:filosofia de um trovador nordestino,16.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

PATATIVA DO ASSARÉ. “O vim-vim”,In: PATATIVA DO ASSARÉ. **Cante lá que eu canto cá**:filosofia de um trovador nordestino.16.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

PATATIVA DO ASSARÉ. “Autobiografia”,In: PATATIVA DO ASSARÉ. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino.16.ed. Petrópolis:Vozes.2011, p.15-16.

PATATIVA DO ASSARÉ: **um dilúvio de rimas sobre o sertão**. In: *Discutindo literatura*. Ano 1. N° 1.

LEAL, Victor Nunes. Indicações sobre a estrutura e o processo do coronelismo. In: *Op. cit. Coronelismo, Enxada e Voto*. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

MARINHO, Ana Cristina. ALVES, Hélder Pinheiro. **O cordel no cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.

RAMALHO, Elba Braga. **Cantoria nordestina: Pensando uma estética da cultura oral.**2001.Disponível em:http://www.iaspmal.net/wp-content/uploads/2011/12/Ramalh_o.pdf.Acessado em: 20/10/2018.

REIS, João José . **A morte é uma festa.** Companhia das Letras, 2004.

SANTOS, Ferreira dos Santos. **Aspectos sociológicos na poesia de Patativa do Assaré e o Drama da triste partida.**URCA,1993.(Dissertação para o curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura, da Universidade Regional do Cariri).

LIMA, Marinalva Vilar de . **Loas que carpem:** A morte na literatura de cordel.São Paulo-SP: USP, 2003 (Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.